

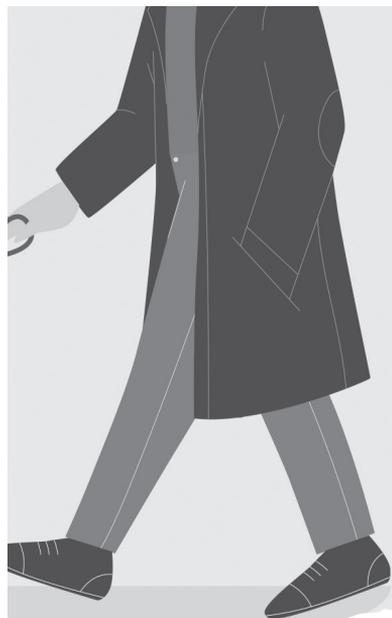


*CHARLOTTE
RIXON*

Um dia *em outra vida*

O amor pode nos levar a direções surpreendentes e, às vezes, por caminhos sinuosos, mas é também durante essas jornadas que aprendemos e crescemos.





Um dia
em outra vida



CHARLOTTE RIXON

TRADUÇÃO: ALDA LIMA

Um dia
em outra vida

Para todos que já olharam para trás e pensaram: “e se?”.

“Fico feliz por não acontecer duas vezes a febre do primeiro amor. Porque é uma febre, mas também um fardo, não importa o que digam os poetas. Não são dias corajosos aqueles em que temos vinte e um anos. São dias cheios de pequenas covardias, de pequenos medos sem fundamento, e se é tão facilmente machucado, tão rapidamente ferido, que se corta com a primeira palavra afiada.”

Daphne du Maurier | *Rebecca*



Abril de 2022

16h57

O DIA ESTÁ MAIS QUENTE DO QUE SE PODERIA PREVER PARA ABRIL, E ELE está suando, embora não apenas pelo calor.

A mochila, tão cuidadosamente arrumada há poucas horas, gruda em suas costas. Ele toma cuidado com os esbarrões da multidão enquanto caminha em direção ao estádio. Ele já esteve ali tantas vezes que conhece o lugar tão intimamente quanto a sua própria casa.

Hoje, ele alegou estar doente e, pela primeira vez em anos, perdeu o jogo.

Eles estão saindo agora, um enxame de formigas de coletes listrados em vermelho e branco, entusiasmados pela vitória inesperada — 3 a 2 em casa para um adversário de peso. A euforia coletiva deixa a atmosfera elétrica.

É uma doença. Uma epidemia. E logo eles serão curados dela.

Seu rosto está quente e vermelho pelo esforço, pelo peso da mochila, pela contagem regressiva em sua mente.

Falta pouco. Segundos, literalmente segundos antes de tudo acabar.

Seu coração está martelando; ele percebe que está prendendo a respiração. Ele põe a mão na testa como se para se estabilizar, e o mar de pessoas — a maioria homens e já com três *pints* entornados — vindo em sua direção, aquelas abelhas-operárias vermelhas e brancas, começa a borrar e se misturar. Pessoas homogêneas, quase indistinguíveis umas das outras: 52 mil delas. É impossível vê-las como outra coisa além de uma massa, uma entidade em movimento. Não há absolutamente nada particular nelas.

Danos colaterais.

Então, uma se destaca: uma menina, de não mais do que seis anos, sentada nos ombros do pai, agitando um lenço. De maria-chiquinha. Sorrindo de orelha a orelha.

É quase demais. Ele respira fundo e prende, se afasta, de cabeça baixa, continua andando. Passos mais largos, aumentando a distância entre ele e a menina.

Ele não pode pensar neles como indivíduos.

O estádio está a poucos metros de distância agora. Há segurança nas portas, garantindo que todos saiam em segurança. Este é o lado para onde os VIPS se dirigem depois do jogo. Ele sabe que ele estará lá, comemorando.

Ele planejou tudo com muito cuidado.

Ele se atrapalha ao procurar o detonador. Faz uma breve oração a ninguém em especial para ter feito tudo certo.

E depois: uma pausa de um segundo.

Ele olha para a mão que está livre, vira-a para cima e se maravilha com a própria pele. As linhas na palma. O azul-esverdeado das veias.

Alguém esbarra em seu ombro ao passar. Ele está na entrada agora. O mais perto possível.

Está na hora.

No final, não é mais difícil do que soltar a corda de um balão.

Ele aperta o botão, e então ele se foi.



primeira
parte

Abril de 2022

17h02

CLARA

A MULHER AO LADO DELA NO BANHEIRO FEMININO ESTÁ OLHANDO PARA as pias enfileiradas, confusa.

— É um sensor — explica Clara, sorrindo. — É só mexer as mãos por baixo, viu?

Ela move a própria mão de um lado para o outro sob a torneira até a água começar a jorrar. Por algum motivo, está quente demais — sempre esteve —, mas não há como regular a temperatura.

— Obrigada — agradece a mulher. — E o sabão?

Clara gesticula para a parte de baixo da parede espelhada diante das duas.

— Ali embaixo. Também é automático. E as toalhas de papel estão ao lado. *Não* é automático.

A mulher sorri para ela novamente. Ela parece familiar, mas Clara não consegue identificar por quê.

— Primeiro dia? — pergunta Clara.

Ela já está longe de sua mesa há mais de quinze minutos, mas que se dane. É uma tarde de sábado, um dia fraco de notícias.

— Sou freelancer — revela a mulher, estendendo a mão. — Cobrindo férias. Substituta. Prazer, Natasha.

— Clara. Eu sou...

Por um breve segundo ela se lembra de que não é mais a editora de mídias sociais. Não desde que desistiu para trabalhar meio período e poder se concentrar em seu romance, após ter assinado contrato com um agente literário.

— Trabalho na equipe de Audiência.

— Nossa — diz Natasha. — Deve ser interessante.

Deus, não. Está mais para incrivelmente entediante, pensa Clara, mas ela apenas estreita os olhos para examinar essa Natasha de olhos de um castanho

profundo e corpo esbelto. Onde será que a viu antes? Clara se pergunta quantos anos Natasha tem. Impossível adivinhar.

— Amei sua aliança — diz Natasha, fazendo Clara perceber que deixou o silêncio se arrastar por tempo demais.

— Ah — ela diz, levantando ligeiramente a mão em direção ao peito.

A grande safira roxa brilha sob a iluminação branda do banheiro.

— Obrigada. Sempre achei um pouco grande demais, na verdade. Meu marido é joalheiro.

— É incrível — afirma Natasha, se aproximando um passo e olhando para baixo. — A fixação é tão incomum.

Clara estende a mão obedientemente, movendo-a de um lado para o outro, de modo que Natasha possa ver todos os diversos ângulos. Ela já se tornou bastante experiente naquilo. O anel é lindo, mas a pedra é enorme e pesada demais para seus dedos magros e desajeitados, e todas as manhãs, quando o coloca, não consegue deixar de pensar que não é ela usando a aliança, e sim a aliança que a está usando.

— Quantos quilates?

Clara arregala os olhos. Um pouco audacioso da sua parte. Ela olha para as mãos de Natasha, mas não há nada em nenhum dos dedos anelares, apenas um anel de ouro no polegar.

— Quatro — responde Clara, envergonhada.

No entanto, safiras são mais pesadas que diamantes, de modo que não é tão impressionante quanto parece.

— É magnífico. Seu marido deve te amar muito.

— Fazemos dez anos de casados daqui a um mês — diz Clara, desnecessariamente.

Dez anos daquele anel pesado no dedo. Nenhum dos dois planejou nada. Hoje em dia, é como se levassem vidas totalmente separadas.

— Minha nossa. Bem, espero que você ganhe uma aliança nova para usar ao lado dessa, então.

— Talvez.

— Eu me divorciei ano passado.

Ela olha para a própria mão esquerda, nua.

— Às vezes acho que sinto mais falta da aliança do que do meu ex.

A risada que se segue soa forçada. Quase um soluço.

Clara não quer dizer a verdade; que ela considera anéis de noivado relíquias patriarcais, e que se não fosse pelo trabalho de Thom, ela nem usaria um.

— Você pode comprar um anel para si mesma — sugere, em vez disso.

— Não um assim. Não com o salário de uma editora substituta.

Clara concorda com a cabeça e abre um sorriso de comiseração. Elas saem do banheiro juntas, seus passos sincronizados.

Clara trabalha para o jornal há quase vinte anos e ainda não se acostumou com o prédio envidraçado que agora o abriga.

Depois que o jornal foi adquirido no ano anterior por uma das maiores organizações de mídia do Reino Unido, eles se mudaram para o sétimo andar da alta coluna de vidro. É como trabalhar em um aeroporto cheio de eco — com direito a seguranças na entrada, que revistam as bolsas em busca de bombas, e um restaurante no décimo andar com um jardim no terraço maior do que sua casa e com vista para toda a cidade.

— A mesa da equipe substituta fica lá — observa Clara, sorrindo para Natasha, que parou ao lado das mesas onde Clara se senta, como se tivesse esquecido onde deveria estar.

No canto mais distante da sala, há uma comoção. Vários repórteres estão reunidos em torno de uma tela.

— Jesus Cristo! — exclama um deles.

Clara franze a testa.

— Ah, sim. Eu sei — diz Natasha. — Obrigada. Foi bom te conhecer. Desculpe se for estranho, mas se quiser almoçar um dia desses... Estarei aqui por um mês. Não conheço ninguém. É a primeira vez que trabalho para um jornal.

— Sério?

— Sim. Sempre trabalhei em revistas. Semanais, é claro, mas ainda assim. Essa coisa toda de redação...

Natasha olha para o grupo amontoado no outro extremo do escritório.

— É bem intimidante.

Todos esses homens, pensa Clara. É isso que ela quer dizer.

— Toma — diz Clara, rabiscando seu nome e ramal em um Post-it. — Só trabalho meio período, mas estou aqui às terças, quintas, sextas e sábados. Pode me ligar um dia desses.

Natasha segura o papel.

— Farei isso. Obrigada.

Clara se senta à sua mesa e aperta a barra de espaço do teclado. A tela se acende e ela obedientemente digita a senha.

Ela franze a testa para a planilha à sua frente: as matérias sobre estilo de vida da semana que precisam de agendamento em todas as suas plataformas. É mundano esse trabalho. Não à altura dela.

Mas tudo bem. Ou, pelo menos, estaria, se ela estivesse realmente trabalhando em seu romance nos dias de folga, como deveria.

Ela olha para a planilha, as URLs embaçando diante de seus olhos.

Em seguida, ela entra no Twitter. Clara usa a plataforma do jornal para as contas de trabalho; mas, para sua conta pessoal, ela prefere o navegador padrão.

Como sempre, seus olhos pousam na barra dos *trending topics* à direita.

As palavras são como fogos de artifício.

Bomba

Explosão

Vintage Park

Ela clica na última hashtag, olhando fixamente para a tela enquanto a atualiza. As lembranças inundam sua mente.

Tantas lembranças.

Um vídeo borrado é o primeiro a carregar. Pessoas gritando, correndo em direção à pessoa com a câmera.

— Meu Deus, meu Deus! — grita a pessoa por trás da câmera.

Ela fecha o vídeo, clica de novo na hashtag, passando o olho nos tweets.

Meu Deus, algo simplesmente explodiu na saída do Vintage Park. Eu juro.

Fiquem longe do Vintage Park, galera. Tem alguma merda séria rolando.

Acho que uma bomba acabou de explodir a algumas ruas de distância. Não tô brincando. O prédio inteiro tremeu. Medonho.

Alguém acabou de explodir o estádio de futebol! Cacete!

Clara olha para os repórteres. Eles já estão em seus telefones, um deles pega o casaco e sai.

Ela clica em outro vídeo, mas ele demora a carregar, o pequeno círculo branco gira diante de seus olhos.

Vintage Park. Sábado à tarde.

Talvez tenha sido uma partida com times de fora. Talvez o estádio estivesse vazio.

Suas mãos tremem enquanto ela procura no Google a lista de partidas. E lá está, impossível de perder: Newcastle City contra Norwich. Um jogo em casa. Ele a ensinou aquilo tantos anos atrás. O time mencionado primeiro é o que joga em casa.

O que significa que ele estava lá.

Claro que ele estava lá. De agosto a maio, todos os sábados à tarde, ao longo de todo o relacionamento. Sem falta.

Ele estava lá quando a bomba explodiu, mas onde ele está agora?

Março de 2000

BENJAMIN

FOI TINA QUEM O CONVENCEU A SAIR ESTA NOITE. ELE NÃO ESTAVA MUITO a fim, mas ela não tinha mais ninguém com quem ir e ele gosta de fazer coisas pelas pessoas. Ele gosta de deixá-las felizes.

Dito isso, amanhã ele trabalha na loja de departamentos, e está cansado. Parado ali, ele se pergunta se a vida universitária é tudo o que esperava que fosse, ou se tudo aquilo é simplesmente demais para ele.

Desde que sua mãe ficou doente, a vida muitas vezes pareceu demais. Mas Tina está aqui, e a vida não é suficiente para ela.

Ele gosta de como ela acha tudo divertido, e quando ela lhe entrega uma cerveja — a quarta da noite —, ele sorri agradecido e toma um grande gole.

— Este lugar abriu tem poucos meses — ela diz, cutucando-o nas costas, quase gritando por causa das batidas ininterruptas da música. — É por isso que o tapete ainda não está pegajoso.

Ele olha para o piso de carpete. É vermelho e branco, uma padronagem turbulenta, como ele imagina que seja uma galáxia distante, atravessando o céu escuro. O desenho faz seus olhos doerem.

Ele toma outro gole de cerveja. Ele não dança. Nem em boates, nem em casamentos, nem mesmo sozinho em casa. Ele não foi feito para isso. Ele leu um artigo a respeito disso uma vez. Pessoas altas não sabem dançar — leva muito tempo para os comandos viajarem do cérebro para suas pernas, ou algo assim. Os bons dançarinos são sempre baixos, como jóqueis.

Tina está balançando levemente ao lado dele, os olhos sobre a borda de seu copo de Jack Daniel's com Coca-Cola, observando a pista de dança. Em um minuto, ela estará lá no meio, basta ver alguém que a interesse. Ela é uma predadora sempre à espreita.

E isso o deixará plantado ali, ao lado do bar, sozinho. Mas tudo bem. Ele saiu de casa, está socializando, ele está se anestesiando com cerveja após cerveja após cerveja. Está vivendo a experiência universitária. Enquanto estiver aqui, nesta boate, bebendo Stella, estará fazendo o que deveria estar fazendo, e uma hora tudo começará a fazer sentido. Sem dúvida.

— Ah, meu deus — diz Tina, dando-lhe um tapa no braço. — É o Marcus Forbes ali?

Ele olha para onde Tina está apontando.

Marcus Forbes é a mais nova contratação do Newcastle City. Um atacante de dezenove anos que não provou valer um centavo da quantia obscena gasta com ele.

Que vida Marcus deve levar. Uma vida que Benjamin poderia ter tido, se sua vida tivesse sido diferente.

— Não. Alto demais.

— É, você deve ter razão. Que pena. Sempre quis namorar um jogador de futebol. Você gostou de alguém? — pergunta Tina, com os olhos brilhando enquanto o observa.

Ele gosta da companhia de Tina. Ele gosta de como ela o vê de maneira descomplicada. Eles se conheceram na loja de departamentos. Ela é loira, bonita, o retrato do “tipo” dele, e ainda assim...

Eles saíram depois do trabalho algumas vezes — só os dois —, e ele não conseguiu entender se foram “encontros” ou não.

Ela o tratou como um amigo, mas, ao final de uma daquelas noites, após muitos drinques no Hand and Spear, ela o puxou e enfiou a língua na sua garganta já na porta de casa, antes de tropeçar para dentro e timidamente dar adeus, demorando-se um pouco demais.

Ele nada fez a respeito, e os dois nunca mais mencionaram o episódio. Ele a achava atraente e divertida, mas algo lhe dizia que não eram certos um para o outro.

Ele queria ser divertido, mas sabia que aquela qualidade lhe escapava.

— Terra para Benjamin! — ela exclamou, puxando o braço dele. — Você gostou de alguém?

Ela está inclinada para ele, que pode sentir o cheiro de seu perfume — floral e doce. Fácil de esquecer e difícil de identificar.

— Curti demais o look dele.

Ela aponta para um cara em pé com um grupo de loiros vestidos da mesma forma. Cabelos divididos perfeitamente ao meio, camisas folgadas sobre o jeans. Ela está apontando para o mais alto e com os maiores ombros, é claro. Benjamin aprendeu isso sobre ela. Ela gosta dos maiores.

Talvez seja por isso que ela não ficou desapontada por ele não ter levado o relacionamento de ambos adiante. Ele é alto, mas é magro.

— Vá falar com ele então — ele sugere, balançando a cerveja.

Ele não está no clima esta noite. Todo o propósito dessas noites — uma espécie de estranha expedição de caça — deixa-o indiferente. Ele não quer conhecer garotas em uma pista de dança escura. Parece muito forçado, muito artificial. Como conhecer uma pessoa direito sem mal poder ouvi-la ou vê-la?

Ainda assim, ele não consegue tirar da cabeça a garota da semana anterior. Foi em outra boate, quando ele saiu com seus colegas de apartamento — uma equipe heterogênea, no mínimo —, e os olhares dos dois se cruzaram na pista de dança. No início, ele pensou ter tido a impressão errada e desviou o olhar, mas toda vez que olhava na direção da moça, ela olhava diretamente para ele, e foi quando percebeu que ela estava tentando lhe dizer algo. Sinalizar seu interesse.

Mas quando ele tomou coragem para abordá-la, apareceu outro rapaz ao seu lado, colocando o braço em volta de sua cintura, os lábios junto de seu ouvido.

Mais tarde, naquela mesma noite, deitado na desconfortável cama de solteiro do pequeno quarto no alojamento estudantil, ele se deixou pensar nela. Ele especulou, depois, que talvez ela fosse a garota mais atraente que ele já tinha visto.

Mas poderia ter sido a iluminação, ou a cerveja.

Naquele exato momento, como se pegando aquela deixa, o DJ muda de faixa. Uma gritaria enche o espaço e é logo abafada pelo som de uma batida trance penetrante, seguida por lasers. O grupo de meninos que Tina estava observando se transforma em silhuetas pretas enquanto os lasers percorrem seus corpos no ritmo da música.

É desorientador. É barulhento.

É a razão pela qual as pessoas vêm a este lugar.

Ele olha ao redor enquanto um laser ilumina o espaço ao seu lado, e Tina havia desaparecido na escuridão da pista de dança. Ele toma mais um gole da cerveja. Tenta apreciá-la.

A música parece durar uma eternidade, mas quando termina e os lasers param, Tina está no meio da pista com os braços nos ombros largos do rapaz, a cabeça para cima olhando para ele, seus rostos se misturando na escuridão.

É isso, então. Lá se foi sua companhia da noite. Ele termina a cerveja e a deixa no bar. Uma voz soa em seu ouvido: seu pai, no intervalo da partida da semana anterior.

Não é para você passar a faculdade inteira bebendo e transando, ouviu bem? Você conseguiu esta oportunidade. Aproveite-a ao máximo.

Bem, ele não está bêbado — pelo menos não esta noite.

E ele não está transando. Às vezes o incomoda ter dezenove anos e ser praticamente virgem — aquele tempo com Kat, de uma série à frente, não terminou bem — quando, comprovadamente, *ninguém* ao seu redor é.

Eles transam o tempo todo. Muito. Tina provavelmente irá para casa com esse homem, e o cara não vai demorar demais na porta da casa dela na esperança de evitá-la.

Ele está na cidade há quase seis meses e Tina é a única garota que ele beijou. Ele se sente pressionado, e, quando é pressionado, dá o pior de si.

Ele vai ao banheiro e depois diz a Tina que está indo embora. Ele não gosta de deixar garotas sozinhas em boates com estranhos, mas da última vez que demonstrou alguma preocupação com isso, Tina alegou que aquilo era sexista, que ela sabia cuidar de si e, por fim, mandou ele se foder.

Ela estava bêbada quando disse aquelas coisas, então ele não tem certeza se foi para valer.

Ele chega ao outro lado da pista antes que o DJ coloque outro trance e mergulhe o lugar na escuridão novamente.

Ele respira fundo no corredor. É mais claro, com uma iluminação piscando no teto. Os banheiros ficam em lados opostos, mas quando ele se dirige para o masculino, percebe algo pelo canto do olho.

Há uma menina sentada no chão, debruçada sobre os próprios joelhos. O lugar está cheio de pessoas bêbadas e inconscientes, conversando ou saindo dos banheiros. Um casal está se agarrando agressivamente na porta da chapelaria.

Uma corrente de garotas dá as mãos enquanto se espremem rumo ao show de laser, com as bocas abertas, rindo.

A menina no chão não está se mexendo.

Ele passa por alguns rapazes que beberam demais e eles gesticulam na cara dele, mas ele os ignora e se agacha até a garota. Os cabelos dela são de um amarelo-claro, derramando-se pelos ombros. Seus braços magros estão nus, apoiados na calça jeans.

Ele hesita por um segundo, mas depois a toca levemente no braço e se aproxima da orelha dela.

— Você está bem? Quer um pouco de água?

Ela levanta a cabeça com os olhos arregalados e manchados de lágrimas, e ele vê, antes que ela olhe diretamente para ele, que é ela.

A menina do outro dia.

Ela sorri para ele. E naquele momento ele sente uma mudança, a estranha e violenta percepção de que sua vida universitária fará sentido, afinal.

Março de 2000

CLARA

ELA NEM ACREDITA QUE É ELE. QUE ELA O VIU DE NOVO.

— Você está bem? — ele pergunta.

Mas ela só consegue olhar para seu belo rosto. Seu nariz agradável. Sua testa perfeita, os cachos a emoldurando cuidadosamente.

— Quer alguma coisa? — insiste ele.

Ela percebe que ele parece preocupado, como se já sentisse algum senso de responsabilidade por ela — por seu bem-estar.

— Eu... — começa, secando os olhos, percebendo como devia estar um caco. — Sinto muito, me perdi dos meus amigos...

Ele a ajuda a se levantar e ela desamassa o minúsculo top preto, tira a poeira da calça jeans e joga a alça da bolsa de volta no ombro.

— Posso ajudar a procurá-los? — ele pergunta, e ela repara pela primeira vez no sotaque.

Norte, mas não Manchester ou Leeds. Parece mais local. Ela fica surpresa.

— Não, está tudo bem — recusa, sorrindo para a oferta.

Ele ainda está segurando seu braço, com delicadeza, e ela espera que ele nunca solte.

— Eu estava só... Está tudo bem.

Ele faz uma pausa, esperando que ela continue, mas ela não diz mais nada. Ela apenas o olha.

— Ouça. Pode parecer loucura, mas por acaso você estava no Sound Barrier na última terça? Eu pensei...

— SIM! — ela exclama com sua voz saindo mais alto do que o pretendido. Então ele a viu antes, ele a notou. Ela não estava imaginando.

— Por que você respondeu assim? — ele pergunta, soltando o braço dela.

— Porque... eu fiquei esperando — ela confessa, olhando para baixo e engolindo em seco. — Fiquei esperando você se aproximar, mas você não veio.

— Eu achei que você estava com alguém. Tinha um cara com você...

— Não. Eu... Ele não era ninguém. Eu estava esperando... você.

Assim que as palavras saem, ela reza para que se misturem aos gritos ao fundo vindos de um grupo de meninas na entrada do banheiro feminino. Mas quando ele sorri, ela se inclina e põe os braços em volta do pescoço dele.

A última onda de vodca atravessa sua corrente sanguínea.

— Antes tarde do que nunca — ela diz, e antes de ter a chance de amarelar, ela levanta o rosto, fecha os olhos e o beija.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

Campanha



FiqueSabendo

Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata. Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro. Faça o teste. Não fique na dúvida!



FARO EDITORIAL

ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM JANEIRO DE 2024